



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 30 de Outubro de 1993 • Ano L - N.º 1295 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

A partida do nosso Padre Telmo

A partida de Padre Telmo, de novo, para Angola, no passado dia 14 de Outubro, suscita naturalmente muitas interrogações.

Porque se vai expor à morte — ele que não tem segurança nenhuma? Os políticos nunca jogam nesta incerteza. Um homem com quase setenta anos, que, segundo as leis do mundo, se deveria refugiar numa pequenina reforma, e viver tranquilamente os últimos anos da sua vida — ainda que fosse num convento a rezar! Um sacerdote que toda a vida optou pelos Pobres, numa aventura repassada de riscos e sofrimento, exigente de uma entrega total e repleta de aparentes fracassos!...

O seu corpo apresenta já fundas marcas geradas pelo cansaço e pelas privações. E, não fora um espírito resplandecente de graça divina que o fortalece, o seu olhar escuro e doentio apagaria o brilho do seu rosto.

É o grito do povo angolano que o move, não somente por simples altruísmo, mas por convicção de que o sofrimento desta desgraçada gente é a dor de Deus. Do seu Deus! Um povo vítima dos políticos bem instalados que de uma maneira cega matam o povo em nome do povo. Um povo que é objecto de negócio como se a vida do homem pudesse ser negociada por alguém. Como se a paz não fosse um dom inalienável de toda a humanidade e pudesse ser comerciada legítimamente por qualquer mortal, mesmo o mais importante.

Um povo que sofre a destruição dos valores mais sensíveis, esmagado pela

fome e pelos horrores da morte. A guerra tornou-se fonte de lucro para uns tantos habilidosos que, por isso, tudo fazem para que ela se perpetue.

O Padre Telmo partiu — afrontando a própria morte. Os seus filhos, os mais abandonados, esperavam a sua presença e o seu carinho de pai. Foi mais consolado do que quando chegou há mês e meio, segundo nos confienciava, pelo aconchego da Obra da Rua em Portugal. Também nós ficamos confortados com a sua presença e os seus desabafos, mas a sua partida inquieta-nos, pois tantos jovens, cheios de saúde e capacidade, continuam a viver a rotina derrotada de uma vida sem gosto ao nosso lado. — O que lhes falta? — Um ideal. Uma fé viva. Uma esperança convicta no Senhor Jesus!

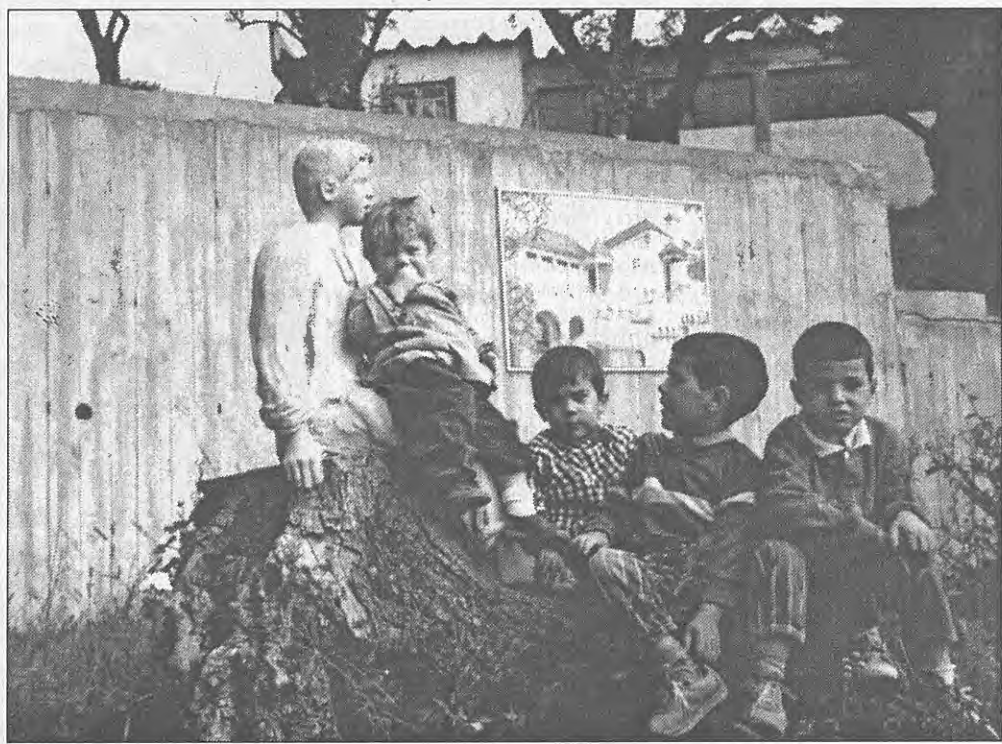
Ai, que se no coração de tantos ardesse o fogo do Espírito não faltaria à Obra da Rua e a quantas, na Igreja, se dedicam seriamente aos Pobres, braços, cabeça e coração para acudir aos sofredores!

Esperamos continuar a ler nas colunas do «Famoso» os reflexos mais vivos do seu dia-a-dia.

Esta é a hora do Padre Telmo e ele quer vivê-la em plenitude e encher-nos da sua grandeza!

• A Feira da Ladra, realizada anualmente pelo Lyons Club de Setúbal, acontece este ano, nos dias 30 e 31 de Outubro, no local do costume — o Parque das Escolas. O seu produto reverte a favor desta Casa do Gaiato.

Padre Acílio



Os quatro mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: Carlinhos, Vitinho, Marco e Fábio.

NOTAS DO TEMPO

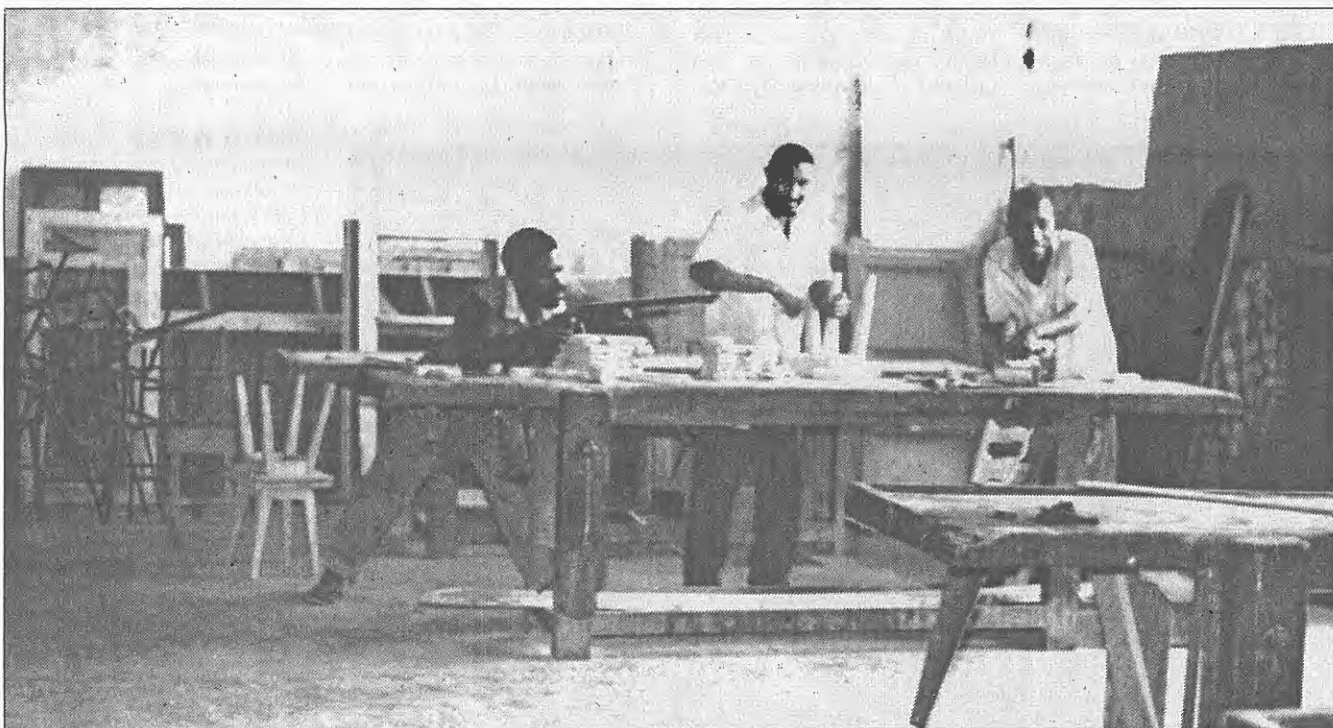
Centenário da «Mãe» das Criaditas dos Pobres

ONTEM em Coimbra foi o encerramento da celebração do centenário da «Mãe» das Criaditas dos Pobres. O início, embora marcado pelo carácter da simplicidade próprio delas, sempre foi um nadinha mais solene, com a participação de pessoas de vários níveis sociais ligados à «Mãe» por laços de sangue ou de sensibilidade aos problemas da pobreza a que ela consagrou a sua vida. Ontem tudo se passou no seio da Família que as Criaditas e os seus «senhores» constituem, Família de muitas gerações ali presentes — avós, filhos e netos — que elas acompanharam desde pequeninos e ainda hoje assumem como o seu *patri-mónio*, não de bens acumulados mas de serviços prestados... e a prestar tanto quanto necessário.

Depois da Missa Paroquial na Sé Velha, todos seguiram para a Casa-Mãe, na Rua da Ilha, onde se petiscou e conviveu; e, durante a tarde, foram recordados, entre histórias e cantigas sem qualquer pretensão de espectáculo, momentos marcantes na vida das várias gerações ali presentes. Festa bonita de que a gratidão e a amizade foram protagonistas. E uma *consoladela* para as Criaditas e para quantos tiveram oportunidade de testemunhar como a bondade dos homens é sal que tempera este mundo de contradição e não o deixa apodrecer de todo.

Só uma nota de tristeza: o desgaste que os anos e as doenças vão produzindo naquela pequena Comunidade irradiante de Bem e que redundam em prejuízo e é vergonha para uma sociedade que se afirma cristã, mas não escuta Cristo que *com certeza* chama, já que são tantos os Pobres no mundo e até nesta Europa da prosperidade, segundo as estatísticas.

Em Moçambique, Padre José Maria, Irmã Quitéria e Carlos gastaram estes dois anos ao serviço, sobretudo, daquele povo de deslocados que habita em Massaca I. São muitas centenas de metros quadrados de construção, entretanto ocupados pelos sessenta e cinco rapazes que já lá moram, mas que se destinam ao serviço daquela população de oito mil. São duzentas pessoas ocupadas em trabalhos que as dignificam e lhes permitem sobreviver sem ser na dependência exclusiva de dons efémeros que às vezes lhes chegam. Mas é chegada a hora de começar a construir, na nossa fazenda, a primeira Aldeia de Gaiatos em Moçambique. E Padre José Maria sofre a sua limitação de não poder abraçar os dois trabalhos com a eficácia que, até agora, tem conseguido em Massaca I. Daí os seus apelos repetidos: Arranjem-nos uma comunidade que venha para aqui assistir e acompanhar este povo, para nos podermos dar mais insis-



A carpintaria da Casa do Gaiato de Benguela — Angola

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

UM VOTO RICO DE FÉ
— Ela teve um enfarte, mas recuperou. Que seria desta mulher se não acudissemos às necessidades!?

Não referimos o nome, a história, a sua privacidade. Aliás, sempre procurámos ser discretos, delicados. No reino dos Pobres, ainda que os problemas, às vezes, sejam idênticos, as pessoas são diferentes. E, por mor do Mandamento Novo, o que interessa é dar a mão, denunciar carências — dar voz aos sem voz — pois todos somos filhos de Deus.

Curiosamente, quando acudimos à referida doente, suprimindo a exígua pensão social, ela transmite sempre uma mensagem — um voto rico de fé: «O Senhor vos leve pró Céu...!» Expontaneamente, dito com seriedade e simplicidade, para nós outros é uma lufada d'ar puro — que lhe sai da alma — motivando reflexão. Ou não fossem os Pobres o melhor quinhão do Reino de Deus. Essa bênção e voto — «O Senhor vos leve pró Céu» — temo-los escutado, religiosamente, muito semelhantes, ao longo d'anos, em serviço prestado a muitos deles. Lembramos alguns — quais santos que Deus haja. E que, pelo seu triste e desumano viver, poderiam ser uns revoltados...!

SAÚDE — Os problemas da Saúde tocam muito de perto, óbvio, a complexa acção vicentina. Por isso, convém referir a temática do próximo Encontro promovido pela Comissão Nacional da Pastoral da Saúde, a realizar em Fátima:

«Em Saúde, uma das preocupações dominantes é a da qualidade. O que está em questão não é apenas a qualidade técnica, mas a qualidade global que atinge o ser humano em todas as suas dimensões, tendo em consideração o exercício de cuidados, a humanização de relações, as condições de trabalho, as instalações, estruturas e equipamentos.»

A Igreja, perita em humanidade, preocupada como está sempre com a pessoa humana, sobretudo se ela está em sofrimento, não pode deixar de reflectir sobre a qualidade da Saúde nos Hospitais, nos Centros de Saúde e nas outras unidades que prestam serviço aos doentes.»

PARTILHA — A presença habitual da assinante 31254: «Junto cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, se possível para ajudar uma velhinha. O restante é a mensalidade de Outubro e Novembro. Ofereço por alma de minha querida mãe e peço um Pai-Nosso» — Oração que o Senhor nos ensinou.

O assinante 42971, de Ovar, marca a sua constância com um cheque «para os mais necessitados e em geral os mais envergonhados, que distribuirão como melhor entenderem — pelas minhas intenções.»

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal: «A minha pequenina migalha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, com todo o carinho e respeito pelos mais necessitados. É pena não ser maior o meu contributo. Mas que se há-de fazer?»

Com um «louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo», e três mil escudos, passa agora, d'alma cheia, a assinante 1121, de Vila Nova de Gaia: «É

Pelas CASAS DO GAIATO

pouquinho — acrescenta — mas será uma ajuda para o que acharem melhor».

O costume, da «Avó de Sintra»: Doze mil e «o resto para qualquer outro fim». Rematando: «Mais um mês, com a graça de Deus, posso dirigir-me a vós, o que me torna cada dia mais devedora para com Ele».

A coluna fecha pela mão da assinante 9708, de Coimbra, portadora dum cheque, de cinco mil, «para as receitas da farmácia e — sublinha — calculo sejam bastantes». A doença é o maior pesadelo de todos os que servimos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMAS — Continuam lentamente, pois o tempo não tem ajudado. Agora já está melhor. Há quase um mês que o Meno, Serafim, Nuno, sr. António, etc., começaram a faina. Não temos tempo a perder, que as uvas estragam-se...

ESTUDO — O nosso Padre Carlos tem afirmado que o estudo está a correr bem, pelo menos da parte de tarde (os mais pequenos). A noite (os mais velhos), também não há grandes problemas. Tudo continua a correr bem porque são importantes as horas de estudo.

CATEQUESE — Começou mais um ano. O Padre Júlio avisou na recitação do Terço.

Será às quartas-feiras, já pelo novo Catecismo. E, à partida, com funcionamento em moldes mais adequados aos nossos rapazes.

ANTIGO TELHEIRO — Já não serve para guardar a lenha, mas para outras coisas.

As mudanças estão terminadas, há algum tempo: taparam



Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

as entradas, deixando metade da parede com um grande portão e o chão cimentado.

DESPORTO — Três jogos, três vitórias. Desta vez, a vítima foi a equipa de S. Lourenço — Paço de Sousa, em 10 de Outubro, derrotada por 7-1.

Esperamos uma outra que nos consiga quebrar o ritmo.

Em nome do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, gostaríamos de informar que o nosso Clube, neste princípio de época, tem carência de equipamentos. Se quiserem, poderão ajudar a resolver este problema, talvez o maior: camisolas, calções, meias, chuteiras, bolas e redes. Ficariamos muito gratos. Deverão enviar ao cuidado do Lupricínio — Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

«Vitinho»

TOJAL

CASA DA PRAIA — Ainda estamos no Outono e começamos já a sonhar com as

férias grandes do próximo Verão!

Por muito que tenha demorado, e andarmos como os ciganos de um lado para o outro, a nossa casa nova, de férias, para o ano estará pronta. Ela tem dado cabo da cabeça ao nosso Padre Cristóvão, pois a habitação estava muito degradada e as obras têm puxado bem por aquilo que faz falta a muito gente. A instalação eléctrica é feita pelo Luís, criado em nossa Casa, sempre com dois ajudantes. Uma forma de pouparmos algum, que a vida está difícil.

No próximo ano haverá umas férias, em grande, se Deus quiser.

MAU TEMPO — Com as chuvadas e os ventos fortes, uma das nossas maiores árvores não resistiu e tombou! Tivemos sorte: caiu em sentido contrário à nossa Peugeot, lá estacionada. Levou tantos anos a crescer! São coisas da Natureza.

MAIS OUTRO — Acolhemos mais um. É o Avelino.

Estatística feita, antes do final do ano, já daria para termos três casas cheias. Isto falando só da nossa, que nas

outras deve ser igual ou pior. Cada vez há mais miséria, muitos rapazes abandonados nas ruas. Quem nos dera ter capacidade de receber a maior parte dos pedidos que nos chegam!

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

CATEQUESE — Iniciámos a Catequese. Os nossos rapazes estão felizes com os novos catequistas. Esperemos que seja um bom ano de aprendizagem e se ajudem uns aos outros.

O grupo dos mais velhos prepara-se para a Profissão de Fé.

ANIMAIS — Os porcos espinhos tiveram três filhos. O mais pequeno morreu e os rapazes ficaram com pena. No entanto, outros estão contentes porque apanharam uma coruja, muito linda, branca e castanha. Os leitões estão gordinhos e quase prontos para abater.

OBRAS — Continuam. Tiraram os velhos azulejos ao pé dos lavabos e colocaram

outros. Ficou tudo muito bonito! Só falta pô-los no dormitório dos médios. Na casa-mãe está quase tudo terminado, as escadas prontas e brevemente ficará operacional.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em resposta às cartas que todos os meses chegam, da nossa amiga da Holanda, vamos dar resposta.

«Olha para as feridas dos teus irmãos e medita, que talvez elas não hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus e daí a mentira que tu és.» (Pai Américo)

«A melhor maneira de resolver os grandes males alheios é cada um fazer todo o bem que puder dentro da sua pequenina esfera de acção. Não há arma mais eficaz para combater o mal do que a prática do bem.» (Pai Américo)

Resta acrescentar que este Homem a quem o povo do Norte e de todo o País chamava carinhosamente Pai Américo, era um verdadeiro Recoveiro dos Pobres em nome do Senhor Jesus — nosso Pai do Céu.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da Holanda, 7000\$00. Uma professora reformada, com 12000\$00 para aplicarmos como melhor entendermos. J. R. D., 2000\$00. Mais 10.000\$00, de M. M. Póvoa de Lanhoso, 10.000\$00 para ajuda da compra de um cilindro. De Silves, 2000\$00. A. d'Eça, 10.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Por alma de sua mãe, 10.000\$00. João, 10.000\$00. Assinante 36212, 20.000\$00. Por alma de sua mãe, 3.500\$00. Assinante 7809, 20.000\$00.

A todos, o nosso agradecimento. E esperamos pelas vossas orações para que o Senhor nos ajude a cumprir a nossa missão.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Uma vicentina

Carta ao Senhor Jesus Cristo

Sou um garoto.
Andei nos caminhos fora de Ti
Nas terras estrangeiras
Sem casa
Sem carinho
Sem amigos
Sem natureza.

Deste-me Senhor
A amizade
O carinho
Uma família
Uma casa para os que não têm
A natureza para semear e
recolher frutos.

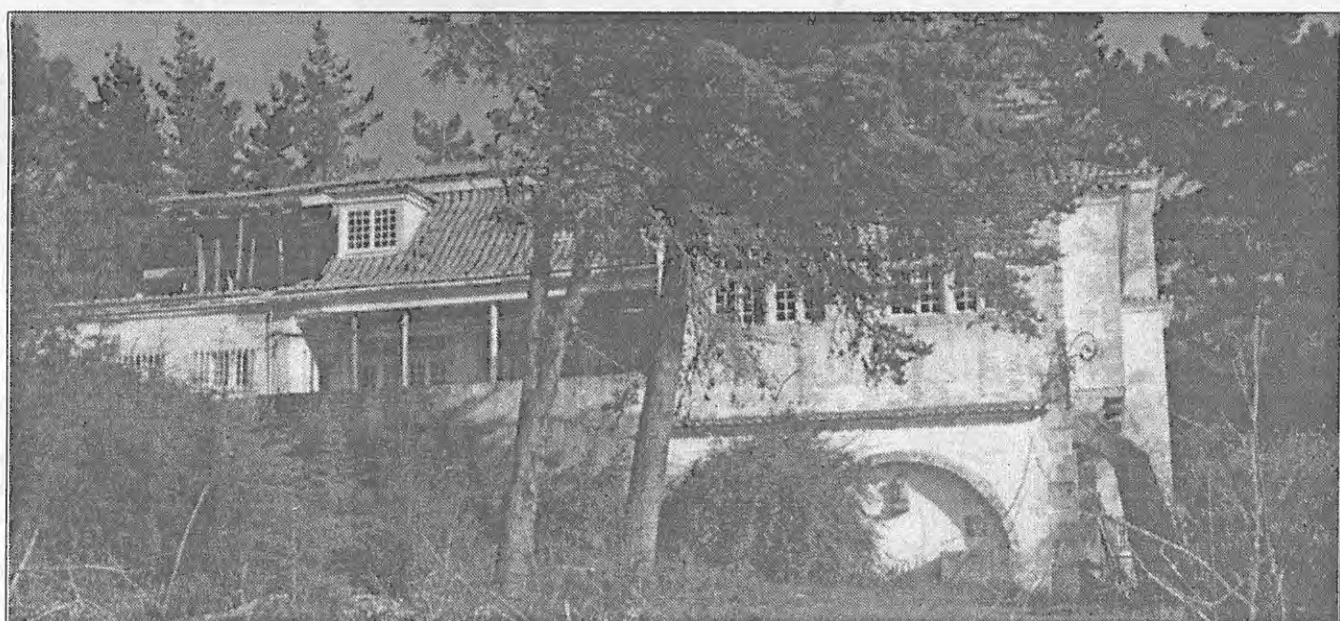
Como agradecer-Te
Com as minhas forças?!
Não posso nada.
Dia a dia procuro
O descanso da minha alma.

Chamastes-me na história
Daquele garoto da rua.
Morria sem assistência
Quero concretizar o sonho
Abre-me a porta do Reino

Que a alma do garoto
Descanse em paz.

Agostinho Francisco

Malanje, 16/9/93



Casa da praia, dos Gaiatos do Tojal, em Sintra.

ENCONTROS em Lisboa

O problema da Habitação

Começamos a ver algum movimento à volta do problema da Habitação. Esperamos que tenha passado a fase das promessas e dos discursos. Começamos a ouvir falar de projectos e de contratos. Será desta vez?

O Ano Internacional da Família aparece no horizonte. 1994 aproxima-se. Falar da Família é também falar da Habitação. Sei que existem muitas outras questões que actualmente estão no nosso pensamento quando abordamos este tema. É a incomunicabilidade entre os diferentes membros: marido-esposa; pais-filhos. É a vida económica que não deixa tempo para nada. É a falta de preparação e quantas vezes a imaturidade para o casamento. São as confusões habituais de sexualidade-erotismo-amor. É o planeamento familiar e a educação

dos filhos... Mil aspectos para reflectir.

A Igreja, no seu ensino, gosta de falar da família como igreja-doméstica e também algumas vezes utiliza o termo santuário. Igreja significa comunhão — reunião e santuário levamos a pensar em espaço íntimo, lugar para o encontro. Entre nós, a esse espaço íntimo que permite a comunhão e a reunião chama-se habitação. Podemos ter muitas e bonitas ideias sobre a família. Se não for garantido um mínimo de condições materiais para que a intimidade e o diálogo se desenvolvam, pouco ou nada avançaremos.

Jovens casais

Há poucos dias, dei boleia a um par de jovens. Pensam casar daqui a um ano. Tiraram o tempo de férias para procurar casa. Tanto poderiam comprar como alugar. Senti o seu desalento. Há oito dias que procuravam e os preços

eram proibitivos para os seus ordenados. A moça, em tom de desalento, exclamou: «Lá teremos que arranjar o nosso quarto e criar os nossos filhos na sala de jantar dos meus pais!» Quantos casais jovens vivem este problema e quantos encontro a viver em quartos de pensões onde não podem ter os filhos! É um aspecto grave da crise de habitação.

Bairros de lata

Outro aspecto são os bairros de lata. Quanta desgraça familiar e quanta degradação humana seria evitada se as famílias, que aí vivem, tivessem uma casa condigna! Faltando a casa, faltam as condições básicas mínimas para o desenvolvimento do grupo familiar. Tenho esperança de que algum caminho se irá percorrer em breve.

Ajuda fraterna em novos bairros sociais

Com os novos bairros sociais creio que se abre também um novo espaço de criatividade para as comunidades cristãs exercerem a ajuda fraterna. Será necessário todo um esforço de acolhimento e de integração dos novos habitantes para que não se criem *guetos* de incomunicabilidade. Será também necessário grande esforço imaginativo para ajudar aqueles que se deslocam das barracas para habitações a fim de não suceder que, nestas, se criem barracas. Para alguns o salto é muito grande. São precisos novos hábitos de higiene, novos hábitos de saber estar e compartilhar espaços com outros. Não pode ser só depois que as comunidades cristãs acordam para os problemas. Tem que ser algo a ser pensado com tempo. Seria belo que as novas paróquias se comessem a movimentar, criando grupos

de reflexão a fim de estarem preparados para os tempos que, se Deus quiser, hão-de vir. Será necessária uma atenção muito especial aos jovens, mas também às pessoas idosas já cansadas de velhos hábitos. Dou dois exemplos a merecerem atenção:

Um jovem muda de um bairro de latas para outro, decente. Foge de casa constantemente para a rua. Diz que não consegue estar ali fechado, que não encontra ninguém. Como acolher este jovem e educá-lo para nova situação? Que espaços criar para o ajudar a integrar-se e a assumir a nova situação?

Outro exemplo: Uma pessoa idosa que sempre viveu num bairro de lata rodeada de imundície. Pergunto — Então esta casa não podia estar mais limpa? Resposta: — Para quê, sujava-se outra vez. Esta mulher precisa de uma irmã que, sem grandes discursos, a ensine a estar num novo ambiente, a ajude a adquirir hábitos. Estes são desafios que têm a ver com o lado humano e cristão da vida e que nenhuma política seria capaz de resolver. Nós cristãos estaremos aí, no terreno?

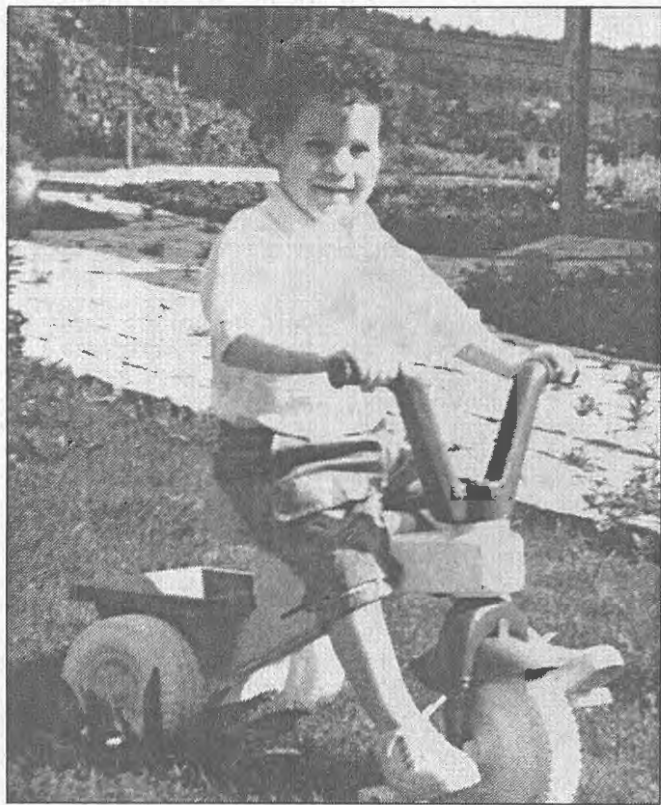
Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

Contas do que vai chegando

Já vai tempo que não dou conta do que vai chegando até nós. É um fiozinho constante de água a correr. As necessidades são muitas e todos os dias aparecem compromissos inadiáveis... Mas, graças a Deus, a fonte

Continua na página 4



Mário Rui, filho do Mário de Malanje.

PASSO A PASSO

Catequese

No passado dia 13, reunimo-nos — catequistas e rapazes — junto do Senhor, para darmos início ao nosso ano de Catequese. Sabemos que é um tempo fundamental para a formação dos rapazes. Um abrir as janelas do entendimento da razão e do coração para a Vida, a partir da fé.

A pequenina semente, inicialmente existente no coração do rapaz, semeada pelo Espírito de Deus, encontra nela uma ajuda importante para que se faça uma planta bem enraizada e cheia de vigor.

Uma planta que quanto mais cresce, mais necessidade vai tendo de ser regada e com mais intensidade. E foi meditando a partir da imagem do veado sequioso correndo para as águas refrescantes — que o salmista usa — que olhamos para o que deve ser a Catequese: busca sequiosa da

presença de Deus, que se saciará na Palavra, na Celebração e compreensão dos mistérios, e na comunhão com os irmãos.

Queremos que ela seja o caminho para Deus e assim nos ajude a construir uma comunidade melhor. Também os Reis Magos, como reflectimos na Celebração da Palavra que abriu a nossa Catequese, se puseram a caminho ao encontro do Deus Menino. Queremos, como eles, fazer este caminho; e, com a ajuda do tempo catequético, transformar a nossa vida de modo a que tenhamos presentes para Lhe oferecer sempre que com Ele nos encontremos. Queremos que a nossa seja fecunda, leve a plantazinha a dar fruto e a comunicar vida.

Tudo isto são expectativas que se tornarão realidade se de facto a vida tiver como centro o próprio Deus — que «a vida religiosa seja o centro», dizia Pai Américo.

Olhando a realidade que nos cerca e também de algum modo a nossa própria, vemos que o centro da vida não é Deus. Não é n'Ele que se buscam as razões de viver. Não é Ele a fonte procurada para vitalizar o nosso caminho, nem a meta que se procura atingir em cada passo do quotidiano e no grande Passo que é a vida toda.

Também, por vezes, é um rosto desfigurado de Deus que conhecemos, o que traz desvios à verdade na nossa maneira de pensar e de agir. Queremos que a Catequese nos ajude a conhecê-Lo melhor. Da parte d'Ele sabemos que está sempre disponível. Resta o nosso esforço na humildade, para que a comunicação/comunhão se possa realizar.

Será uma experiência muito pessoal, mas também comunitária. Pelos frutos conheceremos as árvores que somos e o trabalho que fizemos.

Padre Júlio

DOCTRINA



Onde todos pagam nada é caro

O vestir mai-lo calçar dos gaiatos em repouso na Casa deles, terá necessariamente de ser problema grave de um só, se não for encargo leve de muitos. Os garotos chegam à porta da Casa com todos os seus haveres, pobres em quantidade, muito mais na qualidade: trapos no fio, sem arranjo nem conserto. Se desviarmos a vista para o problema do calçado, este é muitíssimo mais agudo porque o material é muito mais dispendioso; e a gente tem de os vestir e de os calçar. O Inverno é inclemente, traz os olhos fechados, não vê nem poupa a carne dos inocentes. Proteger a criança dos seus rigores é dever dos mais afortunados. Lembra eu, por isso mesmo, às mães de família que durante o mês de Outubro emprestassem a Deus algumas horas de labor e alguns fios de lã, produzindo assim peças de agasalho para rapazes pobres — dos seis aos doze anos; e outrossim lembrava às ditas mães que fizessem o mesmo ao calçado de seus filhos, já arruniado; cujo empréstimo será lançado no haver da tua vida com tal segurança que ninguém, a não ser o pecado, é capaz de o riscar. Sim; que seja encargo leve de muitos e que na volta do correio eu receba a tua parte.

O H, ninguém deve retirar da mesa o talher das criancinhas, nem trocar! A Obra do Universo é de um Deus inteligente, que faz tudo bem feito e não chama ninguém à vida sem primeiramente lhe pôr talher no mundo. Que o teu dar não resulte da comoção do meu pedir, mas sim do reparo e da consideração dos direitos do garoto da rua e do dever que nós temos de o defender.

HOMENS esclarecidos, de consciência bem formada e com inteira noção de responsabilidade, têm no mundo a missão de suprir o que falta aos pais destes filhos da rua, absolutamente incapazes, pela miséria, de lhes dar alimento suficiente e normas de vida sã. A quem muito se dá, muitas contas se hã-de pedir; não desbarates a tua fortuna nem a tua inteligência! Estas pequeninas criaturas de hoje serão, amanhã, por sua vez, pais de filhos; e com o teu auxílio estarão colocados em posição de lhes darem o que nunca de seus pais receberam. É tão suave e tão fácil salvar criancinhas!

ESTA Obra tem recursos e tem simpatias porque é de todos, sendo em primeiro lugar Obra de Deus. Se eu peço muito e muitas vezes e em toda a banda, não quer dizer necessidade urgente mas, sim, ambição de receber mais e melhor os filhos da gente pobre; quanto maiores forem as asas, mais pequeninos podemos cobrir. Muita gente cuida que eu escondo cautelosamente esmolas grossas, declarando somente as mais pequenas para ter ensejo de gemer e de pedir mais; mas não. No que toca à vida da Casa do Gaiato e das Colónias do Garoto da Baixa, palavra e pensamento têm sido sempre escrupulosamente uma e a mesma coisa. A gente acredita na força da Verdade. A mentira também tem as suas glórias e faz as suas épocas, mas a Verdade é eterna. Não se esconde nunca nada, nem a generosa oferta de um organismo industrial de Coimbra, na gerência do qual se encontra um *self made man*, grande trabalhador, amigo das classes pobres, coração que sente e que compreende.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

NOTAS DO TEMPO

Continuação da página 1

tentamente ao acolhimento de rapazes sem eira nem beira que encham Maputo e outras cidades de Moçambique.

As Criaditas seriam essa preciosa comunidade. A sua mística, a sua experiência, ali, posta ao serviço de um Povo que é dos mais pobres do mundo. A gente sonha: Elas ali, nós acolá, cada qual realizando o específico da sua vocação e, pela proximidade, amparando-nos mutuamente, cooperando fraternalmente, quebrando uma solidão que a ambos pesaria, pela comunhão de Fé e de ideal que nos une. Sonho lindo que nós e elas sonhamos. Mas como torná-lo realidade fecunda se elas são tão poucas e se sentem tão enfraquecidas pelo desgaste dos anos e das doenças?...

Nunca como agora nos sentimos tão implicados no mesmo desafio. Nunca como agora sentimos tão em comum o problema das nossas vocações.

Que a «Mãe» das Criaditas e o «Pai» dos gaiatos, agora juntinhos no Céu, façam coro e pressionem a Misericórdia de Deus. E Ele, que tal é o Seu poder, agarre em algumas pedras escolhidas e faça delas filhos de Abraão, servidores do Seu Povo, dos mais pobres, dos mais caídos, que são os Seus predilectos.

Lugar e tempos de acolhimento aos que sofrem... até pelo telefone

No fim da Missa Paroquial na Sé Velha de Coimbra, na hora dos avisos, o Pároco falou de um lugar e tempo de acolhimento aos que sofrem e precisam do conforto que um desa-

bafo pode gerar em quem o escuta... até pelo telefone.

A semana passada chagara-nos a notícia de que a Igreja do Santíssimo Sacramento, em Lisboa, promoveu também (desde 8 de Dezembro de 1992) um serviço semelhante, a que chama «SOS — Oração pelo telefone» e com este objectivo: «O telefone põe em contacto pessoas que, buscando Esperança, a podem encontrar na oração, na Palavra de Deus, na descoberta de que Deus as ama e de que Jesus veio ao mundo para as salvar: 'Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei' (Mt, 11/28)».

Os grandes diários, esses todos os dias informam de telefones em que se contam anedotas brejeiras ou se travam conversas eróticas.

Ainda bem que o telefone — esse instrumento tão prestável que um homem bom inventou e muitos têm aperfeiçoado — é redimido de usos vãos e alguns, como estes, mesmo destruidores que lhe são dados, por este que comunidades paroquiais promovem e se destinam ao reviver da Esperança, à reconstrução da paz interior em homens atormentados por «problemas de solidão, de doença, de dor... situações sem saída, de desalento e desespero!»

Palavra profética de Pai Américo — a dizer da sua fé no valor primacial do Homem

Tem mais de cinquenta anos o pensamento de Pai Américo que, há quinze dias, uma vez

mais, se evocou na coluna que habitualmente o evoca sob a epígrafe **Doutrina**, e vou repetir na consciência da sua plena oportunidade: «A palavra crise, gasta e batida na boca do mundo, é um barbarismo na Obra da Rua. A gente não tem medo de nada nem de ninguém; e se às vezes nos humilhamos e descemos até ao chão — de cócaras nunca»...

Palavra profética, esta, palavra de sempre — a dizer da sua fé no valor primacial do homem, do homem que acredita em si por ser quem é: criatura predilecta de Deus, para quem são todas as outras criaturas. E como Deus é Bom e imutável no Seu querer bem ao homem, tudo converge para o seu bem, mesmo que tal não pareça à lógica da simples natureza. Crises, só o homem as sofre e todas são, fundamentalmente, infidelidades na Fé, incertezas que a carne provoca e consente a respeito da presença e do querer bem de Deus ao homem. E então o homem fica só; quer agir e não sabe; sente fugir-lhe o domínio das criaturas que lhe foram dadas. Torna-se ciumento como Caim. E do ciúme à agressão é um passo. Ou embriaga-se no sonho soberbo de Babel e acorda na confusão e no desentendimento.

Predicar de económica, de social, de política... seja do que for, a palavra crise é um subterfúgio com que o homem se ilude. Só ele próprio é passível de crises. E sofre-as sempre que se nega, enriquecendo-se na auto-suficiência, rejeitando a humildade que é a sua verdade — e cai de cócaras, medroso de tudo e de todos.

«Palavra gasta e batida na boca do mundo», continua a sê-lo no tempo que

vivemos. «Na Obra da Rua é um barbarismo.» Grande lição que Pai Américo deixou aos homens. Lição que vivida neste tempo entre o Povo martirizado de Moçambique, como por exemplo atrás referimos, revela aos homens que o poder do homem está em crer e querer o que Deus quer. Basta-lhes «sonhar, o que Deus quer», em ansiosa vigília de fecundidade e a «obra nasce». Assim também profetizou esse Poeta grande do nosso tempo que foi Fernando Pessoa. Deus também fala pelos Poetas que o são de verdade.

O mundo não pensa assim. Sonha os seus sonhos e tudo fica em sonho.

Porque mais se apoia no esforço alheio, do que na convicta determinação do homem que deseja ardentemente a Justiça — esse dinamismo que fará surgir a seu tempo tudo quanto de material é necessário para que a obra nasça e cresça — tanta coisa desejável nada morta! Daí as crises — fatalidade que o mundo gera e aceita e até lhes chama cíclicas.

Para o homem que assume uma única dependência: a de Deus; para esse de um só projecto: uma parte pequenina, à sua dimensão, do bem que Deus quer ao Homem — a palavra *crise* é, consequentemente, um barbarismo. Tal homem torna-se realmente participante da paternidade de Deus. É livre, intemerato, sempre apumado diante dos homens seus irmãos, mesmo quando se abaixa para melhor os servir. É digno de que o tratem pelo nome de Pai.

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 3

não seca. A nascente: corações pobres e desprendidos; são os Pobres, os que mais se deixam interpelar pela nossa vida e conosco repartem o seu pão. Parece que sempre assim foi e há-de continuar.

Um grupo de Amigos, de Coimbra, veio com cinquenta mil. Um emigrante com cinquenta dólares. O casal, das Meãs, não falha com os três mil mensais. Parece que de Montemor mantêm a mesma devoção dos três mil e a Maria Duarte não falha com os mil e quinhentos escudos mensais, também. Mensais, são também os seis contos que um Amigo, de Coimbra, deixa sempre no Lar. Contar estas migalhas e saborear o amor nelas contido, vale mais que contar milhões sem nome.

Uma anónima, vinte e cinco mil. Segredos que só o Pai do Céu conhece. Sempre pensei, erradamente, que os cem mil, por várias vezes repetidos, viessem de «dona» de alto palacete. Em Castelo Branco há altos e belos. O granito da serra é uma maravilha! Mas, o repartir de quem neles vive é uma devoção de outro estilo e beleza, nem sempre afins. Pois, a «dona» dos cem repetidos não anda por aí. Tenho a certeza que o Banco não lhe come muito, e o que sobra é para a «passagem». Que dignidade!

Uma Adelaide, de Soure, vem com cinco mil. Começo a conhecer a letra, tal é a repetição deste vai-e-vem. O

peditório, na Praia de Mira, este ano cifrou-se em duzentos e quarenta mil. Subiu. O do Luso, em noventa e quatro mil. Desceu! Na Figueira da Foz, os braços que acolhiam o nosso Padre Horácio foram por mim tomados este ano: O Padre Arménio manifesta a sua amizade e acolhimento — há mais de trinta anos — para com a Casa do Gaiato. O peditório rondou os oitocentos contos. O de Buarcos, cento e quarenta contos. Este ano cheguei tarde demais a esta praia. Finais de Agosto... É preciso ir mais cedo! Do Juncal — Leiria, não vieram as colchas para as camas; mas, setenta mil em troca para as franjas.

De uma Marília, da Póvoa de Varzim, cinquenta mil escudos; e de uma Dina, da beira-mar, idem. O nosso vizinho Padre António passou também com dez mil e a promessa de ajudar a caminhada espiritual dos rapazes, ajudando nas confissões.

Da Lousã, dez mil; e da Casa Castelo mais quatro mil escudos. Numa festa de emigrantes, em França, a quermesse rendeu quatrocentos e oitenta e três mil. Veio todo para a Casa do Gaiato e chegou no início da época balnear. Um bom auxílio. A D. Olga, para além da sua colaboração na catequese ao longo do ano, deixou vinte mil para ajuda das férias dos rapazes. De Santarém, a acompanhar o pedido para dois meninos, trinta mil; e, do Colégio de Cernache, oito mil. Antigos gaiatos, no seu encontro anual, dezoito mil; e de

Penela, depois de uma visita à Casa, com admiração, dez mil. Por familiares falecidos, de Foz de Arouce, cem mil. Era pessoa já idosa, na aparência, uma viúva, e pelo vocabulário usado a simplicidade colhida nas lides do campo. Soube ler nos olhos dos nossos mais pequeninos a gratidão do seu gesto.

No Lar de Coimbra, cem mil de um anónimo. O Pai do Céu sabe — disse. De Tomar, uma presença amiga a testemunhá-lo com vinte e cinco mil; e, de Ansião, vinte mil. Mais uma presença de emigrantes com uma coleta de quarenta e seis mil, já agradecidos. Na loja do Fernandito mais trinta e três e quinhentos nos envelopes do costume. Um casal amigo visitou a casa-mãe em obras e, no final: «Está tão linda!».

Um toque no braço do marido e mandou trocar o cheque: vinte mil — quanto custou o retoque. O nosso Padre Acílio não aceitou o dinheiro da Festa de Setúbal, em S. José. Que ficava cá tudo. E ficou: bilhetes, quarenta mil; e cento e oito mil, nas capas. De Castelo Branco, a Ti Ana com mais cem mil que por contos do seu Rosário lá tive de ir buscar. Na volta trouxe mais cinquenta mil. Uma excursão, de Tondela, veio e, depois de tudo ver, deixou quatro mil e quinhentos escudos. Os postais lindos feitos pelo nosso Carlos Veríssimo na escola e mandados imprimir pelas alunas da Escola Superior de Educação de Coimbra e por elas vendidos, renderam doze mil. Mais uma anónima, de Lisboa, com quarenta mil; e uma amiga, do Fundão, com cinquenta mil, a dar razões lindas do seu acolhimento

Património dos Pobres

Um pouco da história

Nestes dias tenho folheado alguma correspondência dos primeiros anos de vida do Património dos Pobres. São cartas a espumar inquietação pela degradação habitacional de famílias, especialmente de velhinhos e viúvas com filhos. São telegramas com urgência a pedir conselhos. São recados de longe e de perto. São apaixonados que aparecem em nossas Casas a perguntar como se faz. São párocos das freguesias. São vicentinos das Conferências de S. Vicente de Paulo. São vizinhos preocupados com outros vizinhos. São amigos a lastimar a vida de amigos.

Foi um vendaval que se levantou e depois amainou. Na sua passagem agitou e fez estremecer muitos corações e resolveu o problema de habitação de muitas famílias. Em poucos anos construíram-se milhares de casas para Pobres em terras portuguesas.

aos vendedores: que nunca lhes mande nada sem o papelinho a ajudar também as nossas razões de educar — acrescento.

A D. Viviane, de Lisboa, palavras de muita amizade e por elas cada vez cinquenta mil. Uma Escola Secundária, de Leiria, apareceu já há muito com cento e vinte e seis mil.

Meu Deus, haverá mais gente em gestos pequenos, com certeza. Que Deus pague a todos este empréstimo aos Pobres.

Padre João

Agora, ao passarmos, encontramos muitas dessas casas em ruínas e poucos se inquietam com isso! Há muitos habitantes que não fazem nada pela conservação da moradia que ocupam. A maior parte das habitações não sofreram qualquer melhoramento. Estão como naquele tempo: sem luz, sem quarto de banho com água, sem limpeza de paredes, sem lugar para a família.

Dá-nos a impressão que todos cruzámos os braços e deixamos correr. Perdemos a consciência de servir neste campo.

São necessárias muitas casas!

Ontem, dia de muita chuva, apareceu um pai de sete filhos, com um deles pela mão, a pedir calçado e roupa. Vinham de sandálias e quase nus. «A chuva encharcou a nossa casinha e ficámos só com o que tínhamos no corpo! É sempre assim quando chove. A nossa casinha é muito pobre!»

Trazia consigo testemunhas. Levou calçado e roupa, mas teve de voltar para a sua «muito pobre casinha».

Recentemente, estive numa das novas cidades. Um dos nossos casados falou-me nos

dois grupos de casas de Pobres que há na terra e na necessidade de haver mais para se acudir a famílias por lá abarracadas. E há muitas terras como aquela.

O correio traz sempre muitas inquietações a que vamos respondendo. Hoje, respondemos ao pároco de quem recebemos esta mensagem: «Temos conhecimento que o Património dos Pobres vai ajudando nas habitações que ajudou a construir. Agora, pretendemos tornar mais confortável a casa que uma família habita, composta pelos pais e quatro filhinhos. A paróquia vai meter mãos à obra, mas pedimos a vossa ajuda.»

A paróquia meteu mãos à obra. Estas, são obras paroquiais. O correio levou carta com um cheque de duzentos contos. Foi a nossa ajuda.

Respondemos a outro pároco que pediu algo, do Património dos Pobres, para a habitação de um jovem casal que principiou a construção, mas a doença veio — e com ela aflições. Dissemos que, ao telhado, contem com a nossa partilha. Acreditamos que o Pai Celeste nos há-de dar pão para partilharmos sempre com aqueles que nos batem à porta.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239